

ANTONIO A. MARQUES DE AZEVEDO

Em frente

— DOS —

“Meninos dormindo,”

— DE —

TEIXEIRA LOPES

(Escorço apreciativo destinado  
ao Conselho de Arte da 3ª Cir-  
cumscrição, como obra de candi-  
datura):

FAMALICÃO

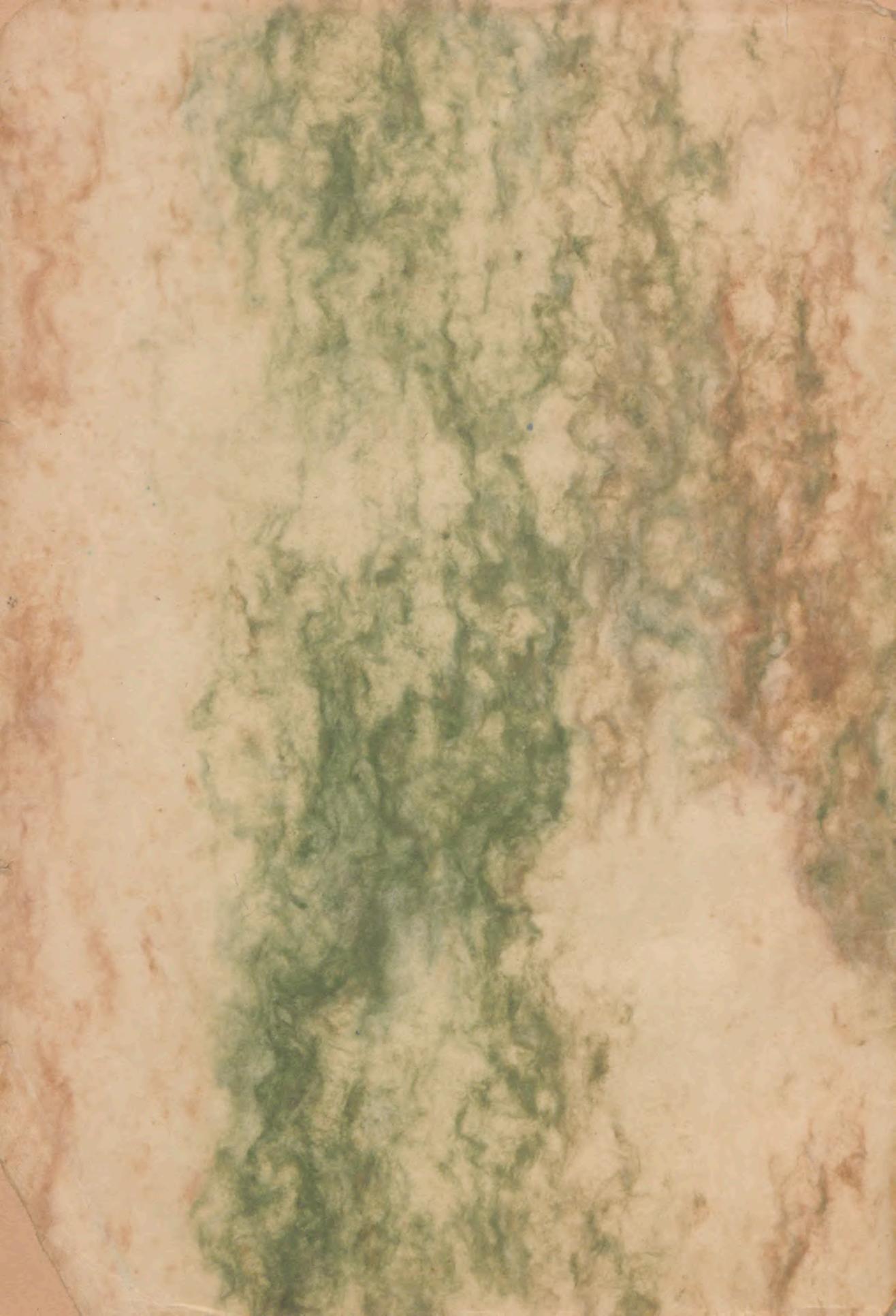
Typ. Minerva de G. Pinto de Sousa & Irmão

20, RUA 5 DE OUTUBRO, 24

1913



opes, Teixeira



ANTONIO A. MARQUES DE AZEVEDO

---

**Em frente**

— DOS —

**“Meninos dormindo,,**

— DE —

**TEIXEIRA LOPES**

(Escoço apreciativo destinado  
ao Conselho de Arte da 3.<sup>a</sup> Cir-  
cumscrição, como obra de candi-  
datura).

FAMALICÃO

Typ. Minerva de G. Pinto de Sousa & Irmão

20, RUA 5 DE OUTUBRO, 24

1913



1875  
1876

«Involontairement l'homme exprime sa sensation intérieure; son corps fait un geste, son attitude devient mimique, il a besoin de figurer au dehors l'objet tel qu'il l'a conçu».

Taine — « Philosophie de l'Art » —  
8.° édition, pag. 45.



*A Arte, quem não a adora?  
A Arte, quem não seduz?  
Quem diz Arte, diz Aurora,  
Quem diz Aurora, diz Luz.*

J. C. MARQUES DE AZEVEDO.



## Explicação Previa

---

Não tem nenhuma audaciosas pretensões o presente trabalho. Ligeiro «escorço apreciativo» d'uma obra admiravel de esculptura primorosa e genial mal consegue, talvez, trasladar a emoção viva que, perante ella, sentiu o auctor d'estas linhas.

Mas, porque não ficou, tal emoção, nas intimas consolações do espirito, e vem exteriorisar-se na forma graphica d'uma linguagem a que falta, mêsmo, a feição technologica dos justos relêvos d'uma iconographia pura e, de nenhum modo, exprime a belleza deliciosa do formosissimo grupo esculptural?

Porque havendo sido, o auctor d'este «escorço», proposto vogal correspondente do Conselho d'Arte da 3.<sup>a</sup> circumscripção, por deferencia captivante, a que aqui rendemos a mais sentida homenagem de reconhecimento, nos foi requisitada a necessaria obra de candidatura e, então, nos letabramos da

emoção sentida junto dos «*Meninos Dormindo*» de *Teixeira Lopes*, para, na traducção que soubessemos fazer-lhe, supprir a exigencia legal.

Certo que deveríamos, talvez, renunciar á honra, por bem justificada escusa, mas feneceu-nos a coragem para uma correspondencia negativa a tamanha gentileza, preferindo o atrevimento que ousamos.

Assim, e a instancias de amigos nossos para publicar em opusculo o desvalioso «escorço», elle aqui se archiva, sem ambições de verdadeira publicidade, pois esta tambem se restringe a 100 exemplares, destinados ao illustre conselho a quem é dirigido e a distribuir-se por algumas escolhidas pessôas das relações do auctor.

Trabalho modesto, quando não satisfaça ao fim que o origína, sirva, ao menos, a despertar n'esses a quem chegue, a vontade de lhe preencherem as deficiencias e defeitos, para ser celebrada, como merece, a obra notavel do brilhante estatuario.

Barcellos, abril de 1913.

O AUCTOR.

COPIES OF THE  
MEMORANDUM FOR THE RECORD



**Teixeira Lopes**

*Auctor dos « Meninos Dormindo »*



**José de Beça e Menezes**  
POSSUIDOR DO GRUPO ESCULPTURAL





Sendo a Arte um «phenomeno social», como considera *Reinach* e as suas manifestações «producto da actividade humana, embora d'uma actividade particularmente livre e desinteressada, que tem por fim não satisfazer uma necessidade immediata, mas despertar um sentimento, uma emoção viva — a admiração, o prazer, a curiosidade, por vezes o terror» (1) ella não deve poder furtar-se á influencia do meio, reflectindo-lhe os acontecimentos occorrentes e com graus de perfeição correlativos com a grandeza dos assumptos e inherente inspiração que possam transmittir, mêmso porque, segundo *Taine* — «*L'oeuvre d'art est déterminée par un ensemble*

---

(1) Salomão Reinach — «*Apollo*» — 6.<sup>o</sup> édition — pag. 2.

*qui est l'état général de l'esprit et des moeurs environnantes»* (1).

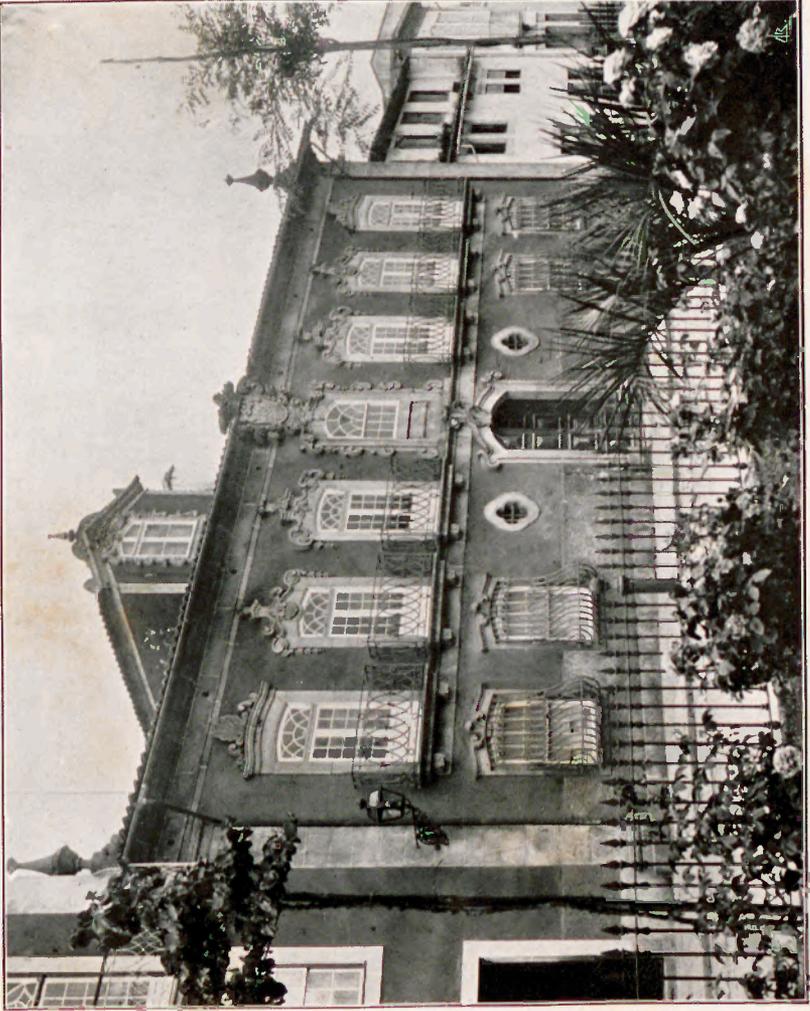
N'estes termos, parece que a nossa terra, apesar de continuar sendo o lindo «Jardim da Europa á beira-mar plantado», ha alguns annos já, não devia ser propicia á floração vicejante de authenticas creações de Belleza.

Todavia, como epoca artistica, a que vimos atravessando, de nenhum modo apouca o valor productivo da mentalidade portugueza.

Dia a dia ahi surgem obras novas, constellando verdadeiras scintillações de talento, como que a affirmar, altivamente, a vitalidade immarcessivel da raça, em contraste formidando com as desolações negativistas dos que se julgam desilludidos. E, então, nas artes plasticas, nem mesmo os periodos que fizeram a «Batalha», os «Jeronymos», «Mafra», e os que viram luzir *Grão Vasco*, os dois *Vieiras*, *Sequeira* e *Francisco de Hollanda*, para só fallar no que ficou de mais perduravel em eras menos proximas, excederam o brilho d'esta phase notavel, em que tão grande numero de famosos cultores do Bello

---

(1) Taine — «Philosophie de l'Art» — 8.º édition — pag. 55.



Palacete Beça



sustentam e avultam a reputação ancestral d'um ou outro festejado renome, pois mêmso, no que diz respeito aos grandes monumentos citados, nem no historico mosteiro que memora *Alju-barrota* se consegue manter, indubitavelmente, a gloria do velho *Affonso Domingues*.

A esculptura, que não foi, das artes nobres, a que mais cêdo afinou o engenho nacional e só quasi modernamente attraheu vocações que, com *Soares dos Reis*, lograram alçapremar-se ao typico destaque das consagrações soberanas, ahi se vê hoje servida por altas compleições de artistas prodigiosos, como *Teixeira Lopes*, o discipulo amado do saúdoso auctor do «Dester-rado».

E' um trabalho d'aquelle laureado estatuario que, firmando-nos a crença no rejuvenescimen-to em que confiamos, ao encandilar-se em risos alacres da aurora de sonhado futuro, nos deter-minou a expôr a funda emoção que nos produ-ziu.

Foi, ainda não ha muito, installado no *Palacete Beça*, aqui n'esta ridente *Barcellos*, que, entre os espiritos alliciados pelo lampejo caricioso da Arte, contou *Antonio Fogaça*, o poeta adora-vel dos «Versos da Mocidade» e desvanece-se,

ainda, de *Candido da Cunha*, pintor em marcha para o auge das supremas conquistas.

Em carinhoso ninho se acoita, ou elle não fosse ordenado pelo Snr. *José de Beça e Menezes*, o barcellense venerando, que tem, na culta vivacidade da sua intelligencia de homem superior, a paixão dominante dos bons productos das verdadeiras concepções estheticas.

Recinto deleitoso, onde a austera severidade d'uma decoração a character realça de harmonia seductora, como que formando a miniatura engenhosa do grande scenario que o esculptor deixa presumir na sua obra, tendo ao fundo o quadro imponente de *Condeixa* — «Defeza do Castello de Faria» — (1) distendendo a paizagem montezina, em que se foca o episodio épico dos «Alcaides», pelas faces muraes d'esse pequenino templo todo illuminado pelo clarão potente da Arte.

Ahi alveja a esculptura de *Teixeira Lopes*, um grupo de sadia glorificação da infancia, a que se tem dado o titulo simplista de «Meninos Dormindo».

«Meninos Dormindo»?!. . .

---

(1) Já reproduzido no interessante livro do illustre publicista, snr. *José de Azevedo e Menezes* — «Ninharias».



Recinto onde se encontram os «Meninos Dormindo»



\*

\* \*

Coisa singela e simples: duas creanças, talvez gêmeas, mas cada uma de seu sexo, dormindo sobre uma lage.

Que somma de genio, todavia, não concretiza o formoso grupo esculptural! Dir-se-ha, ao vê-lo, que os mais delicados, mas também mais pujantes brilhos da aurora fizeram do escôpro o facho poderoso d'uma inspiração sublime, para gerar em luz os dois mimosos corpitos das encantadoras creancinhas; que a mais perfeita concepção da ternura, sob a idêa suave e edulcorante de immaculado candor, transfizera em beijos as mordeduras asperas do cinzel, para dar ao marmore as maciezas fluidas do amor que plasticiza na mais dôce expressão de commovente innocencia.

Na verdade, Luz, Amor, Innocencia, são as tres manifestações palpitantes que os olhos tactêam, de prompto, ao volverem-se sobre as duas pequenas estatuas.

Mas a pujança luminosa do genio esplenderia, unicamente, para modelar nas dôces res-

plandecencias de dois corpos infantis, a feição amoravel, a tendencia affectuosa d'uma alma pura, como que crystallizando fulgidos diuculos d'uma alvorada alegre ao fogo sancto da mais estreme ambição paternal? Seria só a doçura ingenua d'um espirito votado ao culto das creanças, que fizera o milagre sublime d'aquella verdadeira obra prima, onde ha tanto que admirar a transparencia diaphana da psychologia que traduz, como a perfeição impeccavel da forma, que magistralmente exhibe? Não haverá, alli, a synthese suggestiva d'uma idéa mais complexa; alguma coisa de consoladora propheta sobre o futuro da nossa raça; uma como que affirmação de convencido triumpho das gerações por vir; ou, ao menos, um grito mavioso de esperança, vibrado pela altisonancia magestosa d'uma ingente compleição de artista, sob o fremito latente d'esse poder mysterioso de videncia, que acompanha sempre as grandes organizações excepcionaes de homens, como *Teixeira Lopes*?

Não sabemos. Mas o certo é que, em frente dos «Meninos Dormindo» parece que o espirito se não limita, unicamente, ao applauso impetuoso que o trabalho desperta pela sua technica ma-

ravilhosa; e que, antes, se furta, rapido, ao extase empolgante, em que a primeira contemplação, bem dôcemente, o submerge, para prescrutar na expressão radiosa e confiante d'aquelle marmore modelado a primor, o segredo genésico, que actuou na mente do artista, quando se dispoz a mais sublimar-se n'esse grupo de inexcédível belleza, em que pensamos vêr um forte lampejo da nova *Renascença*, porque tantos se empenham, corporisando a crença, alma e profunda, da — *confiança no futuro*.

No entanto, a esculptura nada tem de obscura ou nebuloso. Ella palpita em luz e, sendo o flagrante completo d'um quadro realissimo, patentêa-se em claridades esfusiantes de verdade, rigorosa na correccão accentuada das linhas e na observancia meticulosa de bem segura anatomia. Mas parece-nos que não seja, exclusivamente, um producto da Arte pela Arte, embora elevado ás altas estancias de rara culminação.

Ella falla de candidos sonhos irisados na alma sensível de inspirado poeta, entre explosões sadias de alacres revivescencias; mas tambem nos leva a attentar em substanciosas lucubrações de philosopho, procurando a fixação do aneado advento d'uma epoca de prosperidade

e ventura, á recordação saúdosa das primêvas simplicidades que, ageitadas aos costumes hodiernos da civilização dominante, fizessem o robustecimento d'esta nobre raça portugueza, que ora se procura restaurar dos tristes quebrantamentos de que enferma.

\*

\* \*

De facto, o artista foi ao campo, onde a natureza mais offerece a singeleza evocativa das passadas eras, buscar os emblemas que, trasladados no marmore, haviam de concretizar-lhe o pensamento, fazendo esplender o seu engenho em lances felizes da mais correcta execução.

E é sobre a nudez aspera d'uma fraga, á luz esfusiante do sol, que se adivinha nos reverberos intensos que de todo o grupo se desprendem, como quem chama ao convívio fertilizante das grandes forças naturaes a *vida nova* a que se aspira, que elle se fez surprehender o somno dulcissimo d'aquelles dois cherubins, em cuja adoravel jacencia ha levezas expansivas de per-

fume, dando a ilusão suave d'um subtil movimento de radioso vôo.

E, entretanto, pois que fizemos indicar já uma como que volátil fluidez na delicadeza primorosa de tão notavel trabalho, digamos, contudo, que as duas pequenas estatuas não deixam de ostentar a plastica vicejante dos organismos vigorosos, reunindo-se, assim, á bem compatibilisada opulencia das formas, a graciosidade infinita da mais captivante attitude.

Depois, que naturalidade expressiva na disposição veracissima do grupo!

\*

\* \*

O pequenito, em cujo rosto, atravez do ar risonho que o banha, ha como que um leve accento de precoce meditação, lembrando a incipiente exteriorisação de pensador masculino, pois a resplandecente cabecita na entumescencia em que a lage se altêa para o seu extremo, estendendo de costas, em gestos lassos de subjuguante calma, a nudez esplendida do seu peque-

nino corpo de impeccavel perfeição, onde o sol mergulha, como por entre petalas de mimosa flor, as lucidas caricias dos seus beijos penetrantes.

Sobre o seu lado esquerdo e sem que ao torso lhe prejudique a patenteação esbelta em que avulta, reclinase, a meia face, a pequenita, voltada sobre a direita, juncta ao companheiro, em posição que, não esquecendo o pudor instinctivo do sexo, deixa admirar toda a belleza que offerece, nas atitudes naturaes, de rigorosa observação, que accusam, tambem, a influencia thermica do ambiente, abrindo-se discretas, mas anceosas, ao bafejamento consolador de refrigerante aragem.

O semblante espelha o sorriso angelical d'uma innocencia augusta, nimbando-se na paz letifica das almas limpidas. Sereno, mas vibrante, como dôce alvôr de manhã primaveril, é como *Levante* da amorosa ternura que freme em todo o corpo, accomodado em disposição gracil de nevado lirio que se acoita, sem furtarse ás meiguices triumphaes da luz.

E todo o grupo rebrilha n'uma poderosa magnificencia de arte, d'aquella Arte, que, segundo a justa expressão d'um grande homem do *mé-*



Outro aspecto dos « Meninos Dormindo »



*tier — « C'est le plaisir de l'esprit qui pénètre la nature et qui y devine l'esprit dont elle est elle même animée ». Que — « C'est la joie de l'intelligence qui voit clair dans l'univers et qui le récrée en l'illuminant de conscience ». (1).*

\*

\*      \*

Notavel trabalho são, realmente, os «Meninos Dormindo». Nada ha que condemnar-lhes ou que revele o menor descuido, antes toda a obra pregôa a supremacia do escultor, em plena consciencia da sua arte.

Por certo que de todas as creanças geradas pelo escôpro de *Teixeira Lopes*, nenhuma terã attingido tanta perfeição, tamanha sublimação de Verdade e Belleza e, diremos até, que em toda a obra do eminente estatuário, onde se encontra, bem marcado o traço fulgurante do genio, talvez nada haja que mais exhube-

---

(1) Rodin — Atravez Paul Gsell — L'Art — 7.ª édition, pag. 5.

rantemente affirme as qualidades excelsas do festejado artista.

Certo que os «Meninos Dormindo» não constituem salto inesperado no trabalho, bem firmado, de *Teixeira Lopes*, ou, mêmso, ascensão fortuita nos pulchros dominios da gloria que justificadamente o sagra. Não alteram a maneira factural do seu magico cinzel, nem revolucionam principios assentes no são criterio que o nortêa.

Elles são a integração perfeita na amplectivação prodigiosa do modo como pontifica na alta esphera a que soube erguer-se e não tendo coisa alguma de pretendido ensaio, nem mêmso na propria objectivação — tantas são as creanças que no marmore tem affeiçoado deliciosamente — unicamente continûam a preseverante constancia d'uma predilecção palpitante.

Sim, porque a esculptura de creanças é a que mais empolga os enthusiasmos apollineos do insigne auctor dos «Meninos». Elle mêmso o diz: porque lhe dá alma a felicidade de suavissimo contacto com a Pureza e a Esperança, *pureza e esperança* que nós julgamos traduzir-se no grupo que vimos referindo, já pela sua suggestiva localisação, como pela attitude impres-

sionante dos pequenitos, em synthese prophetica d'uma *Renascença* confiante, revigoramento e triumpho da nossa tão anemisada raça.

\*

\* \*

Todavia, os adultos não teem deixado de fornecer, ao modelador victorioso da forma, ensejos amplos para largamente preconisar-lhe o merito.

Quem poderá olvidar, pelo menos, a grandeza tragica d'essa «Dôr» que grita aceradas plangencias de desespero ás portas d'um jazigo em Agramonte? Esquecer o rescendente mysticismo da «Rainha Sancta» colhido no poetico flagrante da sua piedosa mentira? Não ter presente a abnegação commovente da «Caridade», que pregôa a mais absoluta emancipação do convencionalismo classico, para se exprimir na verdade completa dos successos triviaes? Não evocar a graciosidade alliciante do busto da ex-rainha *Amelia*, ou a magestade veneranda do do sr. *Brancamp Freire*? Lembrar, mêsmo,

a estatueta admiravel do «Caim», em que parece  
Eva estar revendo

... «aquela aparição  
Do crime e da desgraça  
Que já trouxera ao peito com amor!» (1)

\*

\*        \*

Mas as creanças são, realmente, quem melhor definem a fina emotividade do grande estatuario, porque mais permitem assignalar-lhe o fundo persistente d'uma psychologia dôce, emprestando ás aspirações impetuosas do genio as fragrantés impregnações da inebriante ternura, que parece evolar-se de toda a sua obra.

E o certo é que, as intimas sollicitações do seu espirito, quando fraguadas pela crepitação sagrada da Arte, vão todas, como dissemos, porque tambem elle mêmso no-lo confessou, para a concretisação dos ledos corpos infantis.

---

(1) Teixeira de Pascoaes — «Regresso ao Paraiso», pag. 30.

Assim succedeu com os «Meninos Dormindo» na plena liberdade de escolha que foi dada para assumpto de trabalho pedido pelo barcelense illustre, que tem a fortuna de os possuir.

E venturosa liberdade foi essa, que facultou, á tendencia do esculptor, a realisação fulgurante d'uma deliciosa creação de Belleza, onde o engenho subiu á cuspide de altos deslumbramentos.

\*

\* \*

Diz-se que *Fra Angelico* pintava de joelhos as imagens que brotavam do seu pincel de illuminado asceta: pois *Teixeira Lopes* devia ter a alma n'uma adoração infinita de amor, quando fazia florir no marmore as pujantes lucilações que esplendem nos seus «Meninos».

Obra admiravel que, sendo producto de verdadeira Arte, é como a propria Arte, na definição conceituosa de *H. Fiérens-Gevaert*, — «*la matérialisation d'un rêve*». (1). Sonho vivacissimo

---

(1) H. Fiérens-Gevaert — «*Essai sur L'Art contemporain*» — 2.<sup>o</sup> édition, pag. 150.

de pureza e esperança, que parece fallar de consoladora revivescencia, aquecida ao calor sancto da *alegria de viver*.

Só não podemos deixar de lamentar tel-a visto, reproduzida em bronze, n'um jazigo de Agramonté. Dir-se-hia que o auctor, desvairado pela dôr de apartar-se dos *amados filhos* quiz tambem manda-los para o cemiterio, já n'uma corporisação de morte, em que, de verdade, succumbem.

Mas *Teixeira Lopes* tem bastantes d'estes abusos, como se o bronze podesse manter relêvo n'aquillo que foi destinado ao marmore!

E, então, n'um trabalho, como os «Meninos Dormindo», todo Vida, Amor, Innocencia, Luz!

Entretanto, nós depressa esquecemos este segundo modo da sua deploravel dualidade, vindo de novo para o grupo marmoreo, ficando a celebra-lo, ainda uma vez, sob a influencia da interpretação que arriscamos e, por associação anhelante de fagueiros desejos, tambem como simbolisação, divinamente bella, da resposta confiante da *Maria* á pergunta torturada do poeta profundo do «Auto das Quatro Estações»:

« Qual a divina luz,  
Que torne a imensa noite em claro alvor? (1)

« O' meu amor — o Amor ». (2)

O Amor, sim, que toda a obra concretiza  
n'uma aspiração insaciavel de revigoramento,  
posto no marmore triumphal dos dois robustos  
corpitos, á luz do sol, bebendo vida, a vida da  
felicidade ídeal que se traslada no lindo somno  
que dormem.

FIM

---

(1) Antonio Corrêa d'Oliveira — «Auto das Quatro Estações»,  
— pag. 31.

(2) Ibid.





biblioteca  
municipal  
barcelos



16024

Em frente dos "Meninos  
dormindo" de Teixeira Lopes